neas, que respeitem sua individualidade, que busquem o desenvolvimento do seu aspecto motor, cognitivo e emocional.

Dentre as inúmeras atividades, a contação de história aparece como conteúdo constante dentro da educação infantil, onde seus benefícios estão presentes nos três aspectos citados acima. Mais do que isso, estimula o aluno mesmo que na tenra idade a entrar em contato com os livros, com as histórias e tudo que cerca esse universo infantil literário.

Ao contar uma história para uma criança na educação infantil o professor terá em mãos um valoroso instrumento para o desenvolvimento de sua criatividade, imaginação, do entendimento e discernimento. Além disso, a compreensão dos valores, da ética, da possibilidade de fazer o melhor, de lutar para conseguir o que deseja, da necessidade de viver em sociedade, da importância das interações, da presença do bem e do mal, do perdão, e de inúmeros sentimentos que são necessários para a formação de personalidade de uma pessoa.

Para as crianças de 3 e 4 anos que já começam a ter a sua expansão cognitiva, mais que possuem um egocentrismo que promovem inúmeros conflitos, a contação de histórias ensina as mesmas a dividir, a saber quando falar, a ouvir, a dividir suas opiniões e acima de tudo compartilhar.

Com isso, durante todo esse artigo buscou-se evidenciar a necessidade e importância da contação de histórias para crianças da faixa etária citada acima. Juntamente com a necessidade de uma eficiente parceria com a escola e a família, onde ler histórias para seus filhos também deveriam fazer parte da sua rotina diária.

Quando lemos uma história para uma criança, estamos realizando uma atividade que promove benefícios variados, mais que também acima de tudo, é prazerosa, lúdica, como qualquer tipo de aprendizado deve ser, para que seja pleno, efetivo e significativo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo, SP: Scipione, 2003.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, B. Contar histórias uma arte sem idade. São Paulo, 2002. Editora Ática.

MÁXIMO-ESTEVES, L. Da Teoria a Prática: educação ambiental com as crianças pequenas ou o fio da história. Porto, Portugal: Porto Editora Ltd., 1998.

NEDER, D. L. et al. Importância da contação de histórias como prática educativa no cotidiano escolar. Pedagogia em Ação, v.1, n.1, p. 1-141, jan./jun. 2009. Semestral.

OLIVEIRA, R. M. Z. A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil. São Paulo: Cortez, 2012.

RODRIGUES, M. Manual Teórico e Prático da Educação Física Infantil. São Paulo: Icone, 2007.

SANTOS, E. R. M. A contação de histórias na educação infantil na escola. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para o Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba, 2014.

SILVA, A. Reestruturação curricular: teoria e prática no cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 2006.

SILVA, S. L. e MIRANDA, N. M. S. A importância do ato de contar histórias na educação infantil. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal Rural da Amazônia. Pará, 2015.

WEINECK, J. Biologia do Esporte. São Paulo: Manole, 2000

AS CONTRIBUIÇÕES DO LÚDICO PARA A APRENDIZAGEM EM ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

ANA PAULA DE JESUS SILVA GONÇALVES

RESUMO

A pesquisa tem o objetivo de refletir sobre a importância do lúdico como recurso de ensino e aprendizagem da criança. Através do lúdico elas aprendem e se socializam com facilidade, apreendem o espírito de grupo e a tomar decisões. Sistematizar o lúdico significa uma reorganização da prática pedagógica desempenhada pelo professor, que deve considerar a brincadeira como o instrumento principal para o desenvolvimento infantil. Dentro desse contexto, trata-se de demonstrar a possibilidade de uso da brincadeira na aprendizagem, promovendo uma reflexão teórica a respeito do uso do lúdico no pro-

cesso de apropriação do conhecimento. A temática da brincadeira e sua relevância para a compreensão científica do desenvolvimento infantil. A pesquisa bibliográfica foi elaborada a partir de referencial teórico e com a contribuição dos autores pesquisados analisamos como o lúdico pode dinamizar o processo de ensino e aprendizagem na educação. Palavras- chave: Lúdico. Aprendizagem. Alfabetização. Letramento.

1- INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda as contribuições do lúdico como recurso de ensino e aprendizagem da criança. Propõe-se com o trabalho ampliar a visão de conhecimentos sobre os problemas que envolvem o ato de ensinar e aprender, enfocando especialistas e teóricos na educação infantil. As brincadeiras são importantes por fazerem parte do mundo da criança e por proporcionar momentos agradáveis dando espaço à criatividade no qual a criança tímida com dificuldade de se interagir possa desenvolver tal competência.

Para Kishimoto (2002, p. 139) "A brincadeira é uma atividade que a criança começa a exercitar desde seu nascimento no âmbito familiar" e continua com seus pares. Inicialmente, ela não tem objetivo educativo ou de aprendizagem pré-definido. Faz-se necessário resgatar atividades de brincar de maneira global, utilizando como um antecedente da aprendizagem que virá posteriormente - a alfabetização. Ao utilizar os jogos e brincadeiras, os professores estimularão às crianças para uma aprendizagem muito mais fácil. A atividade lúdica é um elemento integrador entre os aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais. Por isso, parte-se do pressuposto de que brincando a criança ordena o mundo a sua volta, assimilando experiências, informações e sobre tudo incorporando autonomia e valores.

Portanto, o professor deve ser um facilitador da aprendizagem, criando condições para que as crianças explorem seus movimentos, manipulem materiais, interajam com seus companheiros e resolvam situações-problemas. Com o ato brincar, espera-se que as relações entre as crianças possam contribuir nas atividades apresentadas pelos professores para enriquecer as relações sociais na sala de aula.

De acordo com Piaget (in MACEDO 2010), o caráter educativo do brincar é visto como atividade formativa que pressupõe o desenvolvimento integral do sujeito quer seja na sua capacidade física, intelectual e moral, como também a constituição da individualidade, a formação do caráter e da personalidade de cada um.

Nenhum fato vivenciado pode ser ligado sem a construção de um quadro lógico onde a criança relaciona, mede ou enumera esse fato, colocando-o em relação com o seu conhecimento. Quando se introduz uma brincadeira, a criança passa por uma fase de adaptação e reconhecimento, sendo interessante que ela o faça livremente, explorando todas as suas possibilidades, pois o brincar implica ação.

A brincadeira é uma atividade rica em estimulação e por conter desafios necessários para provocar uma determinada aprendizagem ao liberar um potencial existente e como consequência, uma situação de descoberta. Para Piaget (in

MACEDO 2010) o professor tem um papel fundamental na mediação da relação da criança com o conhecimento e assim como na constituição da identidade e da autonomia da criança.

O professor deve valorizar as ações de cooperação e solidariedade, para que as brincadeiras não se tornem apenas competitivas, assim a criança desenvolverá a autoconfiança respeitando limitações e possibilidades. A situação ideal de ensinoaprendizagem é aquela em que as atividades são agradáveis e desafiadoras para que a criança a considere um brincar e não uma obrigação como se vê na aprendizagem formal.

Por outro lado, o brincar não pode ser aleatório e desprovido de regras e conteúdos, pois o brincar pelo brincar não se mantém. O professor tem que ter objetivos traçados, o que espera alcançar com determinadas brincadeiras, assim ele o apresenta como a metodologia mais adequada para ajudar o desempenho de suas tarefas, pois é inútil organizar um conteúdo para crianças, levando em consideração os padrões de assimilação, pois a criança pensa diferente do adulto. O brincar é essencial na educação infantil, pois irá proporcionar o desenvolvimento motor e mental da criança. O professor pode utilizá-lo como recurso pedagógico.

Nessa perspectiva o professor é visto como um sujeito social imerso na cultura e não de forma abstrata e deslocado da sua própria história. Se desejarmos formar seres criativos, de acordo com Kishimoto (2002), críticos e aptos para tomar decisões, um dos requisitos é o enriquecimento do cotidiano infantil com a inserção de contos, lendas, brinquedos e brincadeiras.

O lúdico como estratégia de ensino pode propiciar a aprendizagem, facilitar ensino de um conteúdo ou desenvolver habilidades, por isso ao escolher uma brincadeira o educador tem que ter em mente o cumprimento destes objetivos. A presente pesquisa tem como propósito refletir no que se refere à alfabetização e letramento, possibilidades de novas linguagens, pois são muitos os educadores que adotam um método ou proposta de alfabetização sem antes investigar a realidade da sala de aula, conhecer as novas concepções teóricas e refletir se metodologia escolhidas estão adequadas à realidade dos alunos.

2- A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO

Quando se fala em lúdico e nas brincadeiras não estamos falando em algo fútil e superficial, mas sim de uma ação que a criança faz de forma espontânea. Entende-se que ao utilizar o lúdico como jogos, histórias dramatizadas e manifestações artísticas são estratégias para motivar a criança e estimular a participação nas atividades. Esta forma de interação contraria as metodologias passivas nas quais o aluno é como mero receptáculo do saber.

Esta forma de ver o papel da educação esta de acordo com o conteúdo dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Os parâmetros dirigem o foco para a cidadania e a formação do indivíduo de forma globalizada, ou seja, o aluno não deve somente absorver conteúdos, mas necessitando desenvolver habilidades, atitudes, formas de expressão e de relacionamento.

Estes novos parâmetros têm também como principal preocupação que o assunto seja transmitido de forma transversal. O jogo e as atividades lúdicas, em geral, podem ser os principais veículos para atender estas propostas, isto porque as diferentes combinações que um jogo pode encerrar o uso de elementos desafiantes e externos, as interações entre os alunos em diferentes combinações em equipes facilitam a abordagem em diferentes temas, de forma interdisciplinar e, sobretudo, com maior adesão e participação dos meninos e meninas.

Em uma época em que se fala muito das inteligências múltiplas e que se valoriza nos alunos, e no ser humano em geral, aspectos como a criatividade, a cooperação, o senso crítico e o espírito empreendedor os jogos aparecem para, de forma hábil proporcionar o desenvolvimento de múltiplas capacidades, capazes de desenvolver potencialidades e minimizar limitações. Facilitador da autodescoberta e a autoavaliação, de valorização dos demais e convívio com as diferenças, motivando uma postura de desafio para novas conquistas e aprendizagem.

Para Piaget (in MACEDO 2010), a origem das manifestações lúdicas acompanha o desenvolvimento da inteligência vinculando-se aos estágios do desenvolvimento cognitivo. Cada etapa do desenvolvimento está relacionada a um tipo de atividade lúdica. Outro conceito essencial da teoria sobre o lúdico é a relação deste com o processo de adaptação, que implica dois processos complementares: a assimilação e a acomodação.

A assimilação se caracteriza como o processo pelo qual a criança, quando se depara com determinados problemas do mundo externo, utiliza, para resolvê-los, estruturas mentais já existentes. A acomodação é o processo pelo qual a criança, quando se depara com o problema e não consegue resolver com as estruturas existentes, modifica-as. O conceito de Piaget se evidencia na atividade lúdica infantil à medida que as crianças, ao jogarem, assimilam novas informações e acomodam-nas às suas estruturas mentais.

2.1 O Lúdico na Educação

Quando o professor diz “agora faremos um jogo” ou “agora irei contar uma história para vocês” ele já estabelece que seja dedicado um tempo determinado para isso e automaticamente todos percebem que farão uma evasão da realidade. Se professor levar o lúdico para dentro da sala de aula, resta perguntar que vantagens isto trará? E o aprender como é que fica? Trarão muitas porque além da transmissão de conteúdos os jogos podem colaborar na formação do indivíduo de forma ampla, proporcionando o desenvolvimento físico, intelectual, social, afetivo, ético, artístico.

Este desenvolvimento pode ser obtido através de situações comuns decorrentes da aplicação de jogos como o exercício da vivência em equipe, da criatividade, imaginação, oportunidades de autoconhecimento, de descobertas de potencialidade, formação da autoestima e exercícios de relacionamento social.

O que precisa é que o educador esteja realmente convencido de que esta é

uma ferramenta útil e que ele terá vantagens em aplicar, precisa ser aquele educador que também se diverte com isso, que conhece as preferências da faixa etária que trabalha.

2.2 O desenvolvimento da alfabetização

Segundo Ferreiro (2001) o desenvolvimento da alfabetização ocorre no ambiente social. As informações sociais não são aceitas de forma passiva pela criança, são transformadas de forma que elas venham a compreender e registrar. De acordo com Theodoro (2007) a alfabetização reúne estudos e reflexões de vários campos de conhecimento como: psicologia, sociologia, linguística entre outros.

A decodificação e codificação de sons e letras (alfabetização) já não se torna suficiente para a sociedade atual. Torna-se complexa à medida que se tem em vista que a aprendizagem não é a mesma em toda e qualquer situação, e pelo fato de que vivemos em uma sociedade completamente desigual quanto à cultura letrada e as linguagens como: música, cinema e teatro entre outros.

Ser ou não alfabetizado implica na exclusão, censura, exposição, também diferenciando, classificando e diminuindo. O MEC (Ministério da Educação e Cultura) 2006 propôs rever o processo de alfabetização para as primeiras series inicial do ensino fundamental reavivando o debate em torno do mesmo.

Segundo Cagliari citado por Theodoro (2007) vem se intensificando a discussão sobre os métodos na tentativa de anular a competência do professor. Em sua visão a escola precisa de profissionais com competência especifica que no caso da alfabetização seria a linguística para lidar com a linguagem oral e escrita. Para Theodoro (2007) o problema da realidade brasileira não seria o fato de não saber ler e escrever, mas sim, quanto cada um sabe e se utiliza deles para participarem da sociedade em que se vive.

Sem dúvida a questão dos métodos de ensino é algo fundamental e importante. Os métodos não são algo que se tenha como irrelevante na escola, pelo contrário, na escola e na vida os métodos são fundamentais, pois leva ao resultado tanto positivo quanto negativo trazendo o sucesso ou fracasso dependendo da situação.

Ele continua citando que no século XX começa-se a ocorrer à alfabetização em larga extensão, cada vez mais aparecem livros didáticos e programas específicos para se alfabetizar. Porem com isso surgiu também os problemas de alfabetização e para estes problemas se necessitava de soluções, surgindo então soluções internas e externas à escola.

Quanto às soluções internas havia três polos de atenção:

(1) método: esperava-se poder produzir um resultado aceitável

(2) professor: visto como intermediador aplicador do método fica incumbido de resolver os problemas.

(3) família: colaboradora ou não na medida do possível. Quanto a soluções externas a principal seria o governo, que começava a se preocupar mais com a alfabetização, desenvolvendo algumas ações.

Ainda segundo Theodoro (2007) em virtude de mudanças políticas e econômicas houve diferenças quanto à visão acadêmica da alfabetização para a visão social, onde a tarefa da escola passou a ser uma questão social. Por isso a ação pedagógica de alguns educadores se transformou em métodos como, por exemplo: Montessori, Paulo Freire, Emília ferreiro entre outros. As pessoas começaram a fazer teorias sobre eles rotulando como métodos: analítico, sintético, global, fônico, silábico, etc.

O método fônico enfatiza a relação símbolo som. Há, porém duas vertentes. Na sintética, o aluno conhece os sons representados pelas letras e combina esses sons para se pronunciar as palavras. Na analítica o aluno aprende primeiro uma série de palavras para depois partir para a associação entre o som e as partes da palavra.

Menezes (2008) expõe que no método alfabético os alunos aprendem primeiro a identificar as letras e seus nomes para assim soletrarem as sílabas, formarem palavras, sentenças curtas e finalmente histórias. Se a criança não conhece a palavra deve soletrá-la até decodificá-la.

Pelo método analítico a criança começa com unidades completas de linguagem, onde mais tarde é que se divide em partes. No método sintético a criança é ensinada através das partes ou elementos das palavras, como letras sons ou sílabas para depois combiná-las em palavras, dando ênfase a correspondência somsímbolo.

O método Paulo Freire consiste na alfabetização de adultos, iniciava-se através do levantamento do universo vocabular do aluno, através de conversas informais observava-se o vocabulário utilizado pelo aluno selecionando as palavras mais utilizadas, essas palavras serviriam de base para o desenvolvimento do processo.

Menezes (2008) cita que o atendimento deve ser voltado completamente para o aluno. A alfabetização por ser um processo contínuo e de fixação de limites faz com que se rebaixem os que caminham mais rapidamente fazendo com que se comprometa a qualidade de formação deste aluno. A escola deve ter compromisso com a aprendizagem, onde se deve ter pressa em descobrir caminhos (maneiras) que tornem mais fácil e eficiente a mesma.

De qualquer modo, é através do brincar que a criança aprende a se preparar para o futuro e para enfrentar direta ou simbolicamente dificuldades do presente. Brincar, além de ajudar a descarregar o excesso de energias, é agradável, dá prazer à criança e estimula o desenvolvimento intelectual da mesma. O maior objetivo é aprender a aprender, que o aluno seja capaz de estabelecer relações entre novos conteúdos, através da comparação, correlação, aplicação, análise, síntese e julgamento. Uma escola construtivista oportuniza a construção de relações significativas em um universo simbólico textualizado.

As Diretrizes Curriculares de Educação Infantil (2010, p.12), enfatizam as brincadeiras e a interação com colegas e adultos, mas também mencionam o trabalho com a escrita e o sistema de numeração. No contesto social e familiar que as crian-

ças estão inseridas elas vão construindo conhecimentos e conceitos de interesse pela leitura e pela escrita, bem como o desejo de acesso ao mundo da escrita segundo as Diretrizes Curriculares de Educação Infantil.

"A criança sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja aprender, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura." (RECNEI, 2010, p.18).

Ou seja, nas Instituições de Educação Infantil o êxito das propostas pedagógicas depende de intervenções constantes e conscientes. Para Brandão & Leal:

O trabalho pedagógico nas instituições de Educação Infantil deve ser organizado de forma a considerar a perspectiva da criança que aprende, possibilitando que desde pequenas ela seja estimulada a interagir com a linguagem escrita por meio de seus diferentes portadores de texto e, ao mesmo tempo, vivencie atividades de reflexões sobre as palavras e sobre a escrita (Brandão & Leal, 2010, p.16).

Nesse sentido, acredita-se que as novas demandas de crianças singulares em suas especificidades trazem novas exigências sociais em relação a leitura e a escrita enfatizando a necessidade de se articular novas habilidades para fazer uso dos diversos textos em diferentes contextos.

Não se pretende, por um lado, que a Educação Infantil seja palco para o desenvolvimento de exercícios exaustivos e desinteressantes ou cópia e leitura de livros, sílabas e palavras obrigando a criança a concluir esse nível de ensino alfabetizada; por outro lado não é possível negar á criança a possibilidade de interagir com todos, palavras e letras em diferentes situações. Aponta-se a possibilidade de ensinar linguagem escrita na Educação Infantil de forma sistemática, incluindo as atividades relativas á apropriação e a atividades no eixo letramento, além de outras atividades relacionadas ás vivência da cultura da infância.

Para que essa realidade se efetive faz-se necessário uma mudança de posicionamento pedagógico, o que implica modificação de materiais didáticos, de métodos, de organização e funcionamento, da escola e sua gestão e, sobretudo formação docente. As metodologias trabalhadas devem respeitar e reconhecer as especificidades da Alfabetização e do Letramento levando em conta a inserção significativa da criança de múltiplas linguagens e de "atividades" diversificadas E lúdicas referenciadas na cultura escrita, articuladas as experiências sociais dos aprendizes e seu contexto cultural.

Conforme (Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil).

Pesquisas na área da linguagem tendem a reconhecer que o processo de letramento está associado tanto a construção do discurso oral como o escrito... As crianças começam aprender a partir de informações provenientes de diversos tipos de intercâmbio sociais a partir das próprias ações. (RECNEI p.121 e 122).

Com base no PCN "A língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade, aprendê-la não aprender só

as palavras, mas também os significados culturais e paralelamente os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesma".

3.4 O conceito de letramento

Na Educação infantil, com um intenso processo de revisão de concepções sobre a educação, as práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagem como objetivas de desenvolvimento integral dessas crianças.

Fatos apontam a grande importância do papel social da escola que é inserir desde cedo em um processo chamado letramento. Letramento, palavra que foi introduzida na Língua Portuguesa há pouco tempo, e que ainda não foi dicionarizada.

Para Soares (2004, p.47) a diferença entre letramento e alfabetização pode ser assim explicada:

Alfabetização: ação de ensinar/ aprender a ler e a escrever;

Letramento: o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita.

Segundo Soares (2004) o processo de alfabetização focado meramente no sistema da escrita alfabética não assegura a criança a apropriação dos usos e funções da língua escrita. Nessa concepção o processo de alfabetização tem apenas relação com a apropriação da escrita. Mas o letramento é mais completo porque estabelece com o processo de alfabetização práticas de leitura e escrita pelo sujeito em seu contexto social, cuja fundamentação teórica metodológica pauta-se na concepção sociointeracionista, em que o processo de ensino-aprendizagem se efetiva por meio das práticas sociais de leitura e escrita.

Soares (2004) sintetiza dizendo que:

> Alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos ou sobrepostos, e que se torna relevante a distinção entre eles, ao mesmo tempo em que é importante também aproximálos: a distinção se faz necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele (SOARES, 2003, p. 90).

Nessa concepção alfabetizar letrando significa orientar a criança em seu processo de aquisição do seu ato de ler e de escrever de forma a conduzi-la a uma convivência de práticas reais de leitura e de escrita utilizando os mais diversos gêneros textuais possíveis (livros, revistas, jornais, bulas de remédios, embalagens, etc.), pois estes são materiais de leitura e escrita, bem como levá-la a refletir sobre esses materiais escritos que circulam socialmente e que, se bem trabalhados podem criar um ambiente rico em aprendizagem.

A palavra pressupõe que quando a criança deixa de ser analfabeta é letrada. As crianças que convivem com a escrita no

cotidiano na educação infantil, convivem com o conhecimento de letras e números sua diferenciação gêneros e portadores de texto, as diferenças entre informação que veem dos adultos, leitura de rótulos, as histórias que lhes são lidas em um livro, revistas, os bilhetes que pessoas escrevem e leem considerando a leitura de mundo etc.

A discussão sobre a alfabetização e letramento suscita a ideia de que são componentes da introdução da criança, no mundo da escrita a serem desenvolvidos separadamente. Contudo, não deve ser assim. Embora as atividades de alfabetização e letramento diferenciem-se tanto em relação ás operações cognitivas por elas demandas quanto em relação aos procedimentos metodológicos e didáticos que as orientem, essas atividades devem desenvolver-se de forma integrada caso sejam desenvolvidas de forma dissociadas, a criança certamente terá uma visão parcial e, portanto, distorcida do mundo da escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da pesquisa conclui-se que o lúdico para a aprendizagem está ligado ao desenvolvimento de atitudes de convívio social, pois o aluno, ao atuar em equipe, supera, pelo menos em parte, seu egocentrismo natural. Assim sendo, o uso de brincadeiras e jogos em sala de aula é fundamental para o desenvolvimento cognitivo do aluno, especialmente em na educação infantil.

O educador não pode subjugar sua metodologia de ensino a algum tipo de material porque ele é atraente ou lúdico. É necessário um cuidado muito importante da parte do professor, pois, antes de trabalhar com jogos em sala de aula, é necessário testá-los, analisando e refletindo sobre os possíveis erros; assim, terá condições de entender as dificuldades que os alunos irão enfrentar. Além disso, devemos ter um cuidado especial na hora de escolher jogos, que devem ser interessantes e desafiadores. O conteúdo deve estar de acordo com o grau de desenvolvimento da criança. Portanto, o jogo não deve ser fácil demais e nem tão difícil, para que os alunos não se desestimulem.

Dessa forma, é relevante compreender que existem duas dimensionalidades para a aplicação da brincadeira na aprendizagem: a formação do educador e a formação lúdica do educador. Outro aspecto relevante das brincadeiras é o desafio que elas provocam no aluno gerando interesse e prazer. Por isso, é importante que as brincadeiras façam parte da cultura escolar, cabendo ao professor analisar e avaliar a potencialidade educativa das diferentes brincadeiras e o aspecto curricular que se deseja desenvolver, dando ênfase, portanto, à formação lúdica que possa desenvolver junto às crianças, permitindo assim um trabalho pedagógico mais envolvente. Finalizando, ressalta-se que os profissionais devem considerar o brincar como recurso para fornecer limites, estabelecer liberdade, conviver com regras, viver plenamente o individual no social, tornar-se um cidadão.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. Petró-

polis: Vozes, 2000.

BENJAMIM, W. Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Summus. 2002

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, Ministério da Educação Coordenação Geral de Educação Infantil vol. 1, 2 e 3. Brasília, 1998.

CERISARA, A. B. De como o Papai do Céu, o Coelhinho da Páscoa, os anjos e o Papai Noel foram viver juntos no céu. Em T. M. Kishimoto (Org.), O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira-Thomson Learning. 2002

DELORS, Jacques (coord.) Os Quatro pilares da educação. In: educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 2005.

FERREIRO, Emília. Os problemas cognitivos envolvidos na construção da representação escrita da linguagem. In: FERREIRO. Alfabetização em Processo. 14º Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a Educação. São Paulo: Cortez 1994.

KISHIMOTO, T.M. Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis: Vozes, 2006.

MACEDO Lino. A teoria de Piaget no Século XXI. Pátio (Porto Alegre. 1997), v. 1, p. 58-61, 2010.

MACEDO, L. Jogar para aprender a pensar e a se relacionar. In: PEREZ-RAMOS, A. M. Q. (Org.). O Legado da Psicologia para o Desenvolvimento Humano: Segunda fase. São Paulo: Academia Paulista de Psicologia, 2010.

MENEZES, Cynara. Conheça as diferenças entre os métodos de alfabetização. São Paulo. Ática. 2008.

PIAGET Jean. A construção do real na criança. São Paulo: Ática, 2003.

_____. A formação do símbolo na criança: imitação jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar. 1978

_____. O Nascimento da Inteligência na Criança. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

ROJAS Juciara. O Lúdico na construção interdisciplinar da aprendizagem: uma Pedagogia do Afeto e da Criatividade na Escola. Rio de Janeiro: 2002

SANTOS, S. M. P. Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em Creche. Petrópolis: Vozes, 1999.

SCHÖN, Donald A. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: ARMED, 2000.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte, CEALE/Autêntica, 1998.

_____. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF. São Paulo: Global, 2003.

_____. A reinvenção da alfabetização. Magda Soares. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

SPODEK, B. & Sarasho, O. N. Ensinando crianças de três a oito anos. Porto Alegre: Artmed. 2006.